



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0217/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 12/08/2025

Príncipe herdeiro discute a criação de um Estado palestino em reunião do Gabinete saudita em Neom



O Príncipe herdeiro também actualizou o Gabinete sobre sua ligação com o presidente palestino, Mahmoud Abbas.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman presidiu hoje a sessão do Gabinete em Neom, informando os ministros sobre sua recente reunião com o Rei Abdullah II da Jordânia. As discussões entre os dois líderes abordaram as relações bilaterais, questões regionais e desenvolvimentos na Palestina, informou a agência de notícias estatal SPA.

O Príncipe herdeiro também actualizou o Gabinete sobre sua ligação com o presidente palestino, Mahmoud Abbas, que expressou apreço pelos esforços do Reino em apoiar o Estado palestino e incentivar o reconhecimento internacional. O ministro da Informação, Salman bin Yousef Al-Dosari, disse que o Gabinete saudou os anúncios da

Austrália e da Nova Zelândia sobre o reconhecimento do Estado da Palestina, elogiando o crescente consenso global em torno de uma solução de dois Estados com fronteiras de 1967 e Jerusalém Oriental como capital.

O Gabinete também condenou as acções israelenses em Gaza, descrevendo-as como ocupação e acusando as autoridades israelenses de cometer fome, limpeza étnica e outras violações. Ele alertou que a incapacidade da comunidade internacional e do Conselho de Segurança da ONU de interromper tais acções mina o direito internacional e ameaça a estabilidade global.

O Gabinete também revisou questões sobre a Ucrânia, reiterou o apoio do Reino aos esforços diplomáticos para resolver a crise, após um telefonema entre o Príncipe herdeiro e o Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky.

O Gabinete também saudou o anúncio de um acordo de paz entre a Armênia e o Azerbaijão, expressando esperança de estabilidade na região. **Fonte-Arab News.**

Príncipe herdeiro saudita e Rei jordamiano discutem em Neom desenvolvimentos em Gaza e Cisjordânia



Os líderes revisaram a situação regional mais recente e trocaram opiniões sobre questões de interesse mútuo.

Os acontecimentos em Gaza e na Cisjordânia foram um dos principais focos ontem, quando o Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman se reuniu com o Rei Abdullah II da Jordânia no Palácio Neom.

Os líderes revisaram a situação regional mais recente e trocaram opiniões sobre questões de interesse mútuo. As discussões também abordaram os laços de longa data entre o Reino da Arábia Saudita e a Jordânia e maneiras de aumentar a cooperação ao serviço de interesses compartilhados e causas árabes.

O Príncipe herdeiro Al Hussein bin Abdullah II participou na reunião, que fez parte das consultas em andamento entre os dois países sobre questões regionais e internacionais.

Outros altos funcionários incluíram o Primeiro-ministro Jafar Hassan, o Vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores Ayman Safadi e o director do Gabinete de

Sua Majestade Alaa Batayneh. Do lado saudita, os participantes incluíram o governador da província de Tabuk, Príncipe Fahd bin Sultan bin Abdulaziz, o ministro dos Desportos, Príncipe Abdulaziz bin Turki bin Faisal, o ministro do Interior, Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Nayef bin Abdulaziz, o ministro da Defesa, Príncipe Khalid bin Salman bin Abdulaziz Al Saud, juntamente com outros altos funcionários. **Fonte-Reuters.**

Príncipe herdeiro saudita e presidente palestino discutem próxima conferência de paz



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman e o Presidente palestino Mahmoud Abbas.

O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman conversou ontem com o Presidente palestino, Mahmoud Abbas, sobre os últimos desenvolvimentos e desafios contínuos enfrentados pelos palestinos e sua causa durante um telefonema. Eles discutiram os desenvolvimentos humanitários e de segurança na Faixa de Gaza, e o Príncipe herdeiro condenou os crimes cometidos contra o povo palestino, enfatizando a necessidade de a comunidade internacional enfrentar a crise humanitária resultante e proteger os civis, informou a Agência de Imprensa Saudita.

Abbas elogiou o papel crucial do Reino da Arábia Saudita na obtenção de apoio internacional para o reconhecimento do Estado da Palestina com base nas fronteiras pré-Guerra do Médio Oriente de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital.

Eles discutiram os preparativos para a Conferência Internacional de Paz em Nova York em 22 de setembro, onde vários países, incluindo França, Reino Unido, Canadá, Austrália e Singapura, devem reconhecer o Estado palestino.

Em julho, o Reino da Arábia Saudita e a França co-presidiram uma conferência de alto nível da ONU para reunir apoio para o estabelecimento de um Estado palestino. Desde que Israel iniciou operações militares em Gaza após o ataque de 7 de outubro de 2023 ao sul de Israel pelo Hamas, mais de 60.000 palestinos foram mortos. A actividade de colonos israelenses na Cisjordânia, por sua vez, também foi condenada por membros da comunidade internacional, com mais países se afastando da posição de que o Estado palestino só poderia ser alcançado por meio de uma paz negociada com Israel.

O Príncipe herdeiro e o Presidente palestino também reafirmaram seu compromisso com a coordenação conjunta contínua e o aumento da solidariedade árabe e internacional com o povo palestino. **Fonte-Reuters.**

Príncipe herdeiro saudita discute com Zelensky sobre esforços de paz na Ucrânia



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman conversou ontem por telefone com o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, para discutir os desenvolvimentos na crise da Ucrânia.

O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman conversou ontem por telefone com o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, para discutir os desenvolvimentos na crise da Ucrânia, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Príncipe Mohammed reafirmou o apoio do Reino aos esforços destinados a resolver o conflito Rússia-Ucrânia e facilitar o diálogo. Zelensky, por sua vez, expressou seu apreço pelo papel do Reino da Arábia Saudita na promoção da paz. **Fonte-Arab News.**

Governador de Jeddah recebe cônsul-geral do Ghana



O Príncipe Saud bin Abdullah bin Jalawi (à direita) conversa com Abdul Rahaman Adam em Jeddah.

O governador de Jeddah, Príncipe Saud bin Abdullah bin Jalawi, recebeu ontem em seu escritório o Cônsul-geral do Ghana, Abdul Rahaman Adam. Os funcionários realizaram discussões sobre tópicos de interesse comum. A liderança saudita pretende impulsionar os laços com os países africanos em todos os níveis. No mês passado, o Vice-ministro saudita das Relações Exteriores, Waleed Elkhareiji, reafirmou o compromisso do Reino em fortalecer a cooperação e a parceria com os países africanos, promovendo o comércio e a integração e aprimorando a consulta e a coordenação em questões compartilhadas. O Vice-ministro descreveu África como um continente de oportunidades com recursos naturais, população jovem e potencial renovável. "África abriga o maior número de missões diplomáticas e consulares sauditas, e o Reino pretende aumentar suas embaixadas em África para mais de 40 nos próximos anos", disse ele. **Fonte-Arab News.**

OIC condena assassinato de jornalistas em Gaza e pede acção internacional



A organização disse que essas acções fazem parte do que chamou de violações sistemáticas contra a imprensa.

A Organização de Cooperação Islâmica (OIC) condenou hoje terça-feira o assassinato dos jornalistas Anas Al-Sharif e Mohammed Qureiqi, juntamente com vários outros profissionais de Imprensa, após Israel atacar uma tenda de jornalistas na Cidade de Gaza. Em um comunicado, a OIC descreveu o ataque como uma violação do direito internacional e uma violação da liberdade de imprensa, observando que 242 jornalistas foram mortos no território palestino ocupado desde 7 de outubro de 2023. A organização disse que essas acções fazem parte do que chamou de violações sistemáticas contra a Imprensa, com o objectivo de obstruir o fluxo de informações para a comunidade global. A OIC responsabilizou Israel, como potência ocupante, pelo incidente e pediu uma investigação internacional para responsabilizar os responsáveis. Também instou as instituições internacionais relevantes a tomarem medidas urgentes para prevenir o ataque a jornalistas e garantir sua protecção de acordo com o Direito Internacional Humanitário e convenções relacionadas. **Fonte-Arab News.**

Forças de Apoio Rápido do Sudão matam 40 pessoas em ataque a campo de deslocados no norte de Darfur

As Forças de Apoio Rápido paramilitares do Sudão lançaram ontem ataques em um campo de deslocados atingido pela fome fora de el-Fasher, capital da província de Darfur do Norte, matando 40 pessoas, disseram grupos de direitos humanos locais. O grupo de Salas de Resposta a Emergências que trabalha no campo de deslocados de Abu Shouk disse em um comunicado no Facebook que o RSF - que está em guerra com os militares sudaneses - invadiu partes do campo visando cidadãos dentro de suas casas. O grupo activista comunitário, que presta assistência em todo o Sudão, disse que pelo menos 19 pessoas também ficaram feridas. O campo de deslocados de Abu Shouk, nos arredores de el-Fasher, que abriga cerca de 450.000 pessoas deslocadas, foi repetidamente atacado ao longo da guerra. Os militares sudaneses têm controle sobre el-Fasher, apesar dos frequentes ataques das RSF. Enquanto isso, os Comitês de Resistência em el-Fasher confirmaram os ataques, dizendo no Facebook que a cena "reflectia a extensão das horríveis violações cometidas contra pessoas inocentes e indefesas". Os Comitês de Resistência são um grupo de cidadãos locais da comunidade que inclui activistas de direitos humanos. O porta-voz da ONU, Stephane Dujarric, alertou ontem sobre a "situação extremamente terrível" no Sudão, enquanto Edem Wosornum, director de operações e defesa da agência de assuntos humanitários da

ONU, soou o alarme sobre a situação em el-Fasher, dizendo que mais de 60 pessoas morreram de desnutrição em apenas uma semana, a maioria mulheres e crianças. **Fonte-Arab News.**

Ministro das Relações Exteriores do Kuwait realiza reunião com embaixadora britânica cessante



O ministro das Relações Exteriores do Kuwait, Abdullah Al-Yahya, e a embaixadora do Reino Unido, Belinda Lewis.

O ministro das Relações Exteriores do Kuwait, Abdullah Al-Yahya, discutiu as relações com a Grã-Bretanha durante uma reunião ontem segunda-feira com a embaixadora Belinda Lewis, marcando a conclusão de seu mandato. Al-Yahya destacou os esforços e contribuições de Lewis para fortalecer os laços kuwaitianos-britânicos. Ela actuou como embaixadora no Kuwait desde abril de 2021. Em setembro, Qudsi Rasheed se tornará o novo embaixador britânico no país do Golfo. **Fonte-Reuters.**

EUA criticam Irão por ataques Houthis no Mar Vermelho, pedem à ONU que responsabilize violadores do embargo de armas



Militantes houthis realizam um ataque ao graneleiro Magic Seas, de bandeira liberiana e de propriedade grega, no Mar Vermelho, em 6 de julho de 2025.

Os Estados Unidos acusaram ontem segunda-feira o Irão de alimentar a insegurança marítima no Mar Vermelho ao fornecer armas e outros materiais aos houthis no Iêmen, após os últimos ataques mortais a embarcações comerciais no mês passado. Falando durante um debate do Conselho de Segurança da ONU sobre segurança marítima, a embaixadora interina americana, Dorothy Shea, condenou os houthis pelos recentes ataques que resultaram no naufrágio de dois navios comerciais, morte de tripulantes e na tomada de reféns. O Irão "representa uma ameaça à segurança marítima por meio de seu apoio aos houthis e outros grupos terroristas e sua apreensão de embarcações que transitam em águas internacionais", disse Shea aos membros do conselho. Ela reiterou a exigência dos EUA de que Teerão liberte todos os navios detidos, incluindo o MSC

Aries, um navio porta-contêineres ligado a um bilionário israelense. Foi apreendido pelas forças iranianas em abril de 2024 enquanto transitava pelo Golfo de Omã, no que Teerão descreveu como acção retaliatória após ataques aéreos israelenses na Síria.

A embarcação, fretada pela Mediterranean Shipping Company, tinha uma tripulação de 25 pessoas, a maioria cidadãos indianos. Eles foram detidos por várias semanas pelas autoridades iranianas antes de serem libertados, mas o navio continua apreendido. "Os Estados Unidos pedem que o Irão libere os navios que ainda possui, incluindo o MSC Aries", disse Shea, ao pedir a todos os Estados-membros da ONU que cumpram o embargo de armas aos houthis. Ela acusou o Irão e outros países de violarem esse embargo ao fornecer ao grupo foguetes, munições e outros componentes usados em ataques a navios no Mar Vermelho. **Fonte-Reuters.**

Turquia detém empreiteiro após desabamento de prédio em terremoto



Parentes se aquecem em torno de uma fogueira em frente aos escombros de prédios desmoronados enquanto equipes de resgate continuam a procurar vítimas e sobreviventes, depois que um terremoto de magnitude 7,8 atingiu a região fronteiriça da Turquia e da Síria no início da semana, em Kahramanmaras, em 12 de fevereiro de 2023.

Autoridades detiveram ontem segunda-feira o proprietário e o construtor de um prédio residencial que desabou durante um terremoto de magnitude 6,1 no noroeste da Turquia, como parte de uma investigação sobre possível negligência, disse uma autoridade.

O terremoto atingiu a cidade de Sındırgı, na província de Balıkesir, no passado domingo. Ele tirou a vida de um morador idoso que morreu no bloco de apartamentos de três andares que desmoronou e feriu outras 29 pessoas em toda a região. O tremor foi sentido até Istambul, quase 200 quilômetros ao norte, aumentando os temores na cidade de mais de 16 milhões de habitantes, que especialistas dizem estarem em alto risco de um grande terremoto. O terremoto de domingo passado causou o colapso de 16 estruturas, a maioria delas casas abandonadas, de acordo com o ministro do Interior, Ali Yerlikaya. O prédio em Sındırgı estava entre as poucas estruturas habitadas a cair, levando as autoridades a deter o proprietário e o construtor para interrogatório por suspeita de "causar morte e ferimentos por negligência", disse o ministro da Justiça, Yılmaz Tunc. Das 29 pessoas que foram hospitalizadas, 19 receberam alta ontem segunda-feira, disse o ministro da Saúde, Kemal Memisoglu. Os que ainda estão hospitalizados não estão em estado grave, acrescentou. Enquanto isso, mais de 200 tremores secundários atingiram a região, o mais forte medindo 4,6. Eles forçaram muitos moradores a passar a noite ao ar livre e dormir em carros por medo de que suas casas pudessem desabar, informou a emissora de TV nacional HaberTurk. A Turquia fica no topo das principais falhas geológicas e os terremotos são frequentes. **Fonte-Reuters.**

Trump e Netanyahu em disputa após este último negar fome em Gaza, diz NBC



Crianças palestinas esperam por uma refeição em uma cozinha de caridade na área de Mawasi, em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza.

Uma briga de gritos eclodiu entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, depois que este negou que as imagens de crianças famintas em Gaza fossem reais, informou a NBC News. Eles teriam começado a gritar durante um telefonema em 28 de julho sobre a eficácia da Fundação Humanitária de Gaza, apoiada pelos EUA, em meio a relatos de que civis estavam sendo baleados por soldados e empreiteiros em centros de distribuição de ajuda, e pessoas estavam morrendo de fome.

No dia anterior, Netanyahu havia afirmado que "não havia política de fome em Gaza e não há fome em Gaza". No dia seguinte, Trump disse que tinha visto imagens de crianças famintas. "Você não pode fingir isso", disse ele, acrescentando que os moradores de Gaza estavam sofrendo de "fome real".

A NBC informou que Netanyahu posteriormente exigiu uma ligação com Trump, durante a qual ele disse ao presidente que as imagens de crianças foram fabricadas pelo Hamas.

Trump então começou a gritar com Netanyahu, dizendo que tinha visto evidências de que a fome era real. Um ex-funcionário dos EUA disse à NBC que a ligação foi uma "conversa directa, principalmente unidireccional, sobre o status da ajuda humanitária" e que Trump "estava falando a maior parte do tempo". O ex-funcionário acrescentou: "Os EUA não apenas sentem que a situação é terrível, mas também a assumem por causa do GHF". As operações da GHF em Gaza apresentaram cenas caóticas com milhares de palestinos lutando para receber ajuda alimentar suficiente. Mais de 1.000 foram mortos em seus quatro locais de distribuição, de acordo com a ONU.

O gabinete de Netanyahu descreveu o relato da disputa de gritos como "notícias falsas totais". Um porta-voz da Casa Branca disse à NBC: "Não comentamos as conversas privadas do presidente. O presidente Trump está focado em devolver todos os reféns e alimentar as pessoas em Gaza." **Fonte-Reuters.**

Enlutados se reúnem em Gaza para funeral de funcionários da Al Jazeera mortos por Israel



Pessoas marcham com os corpos dos jornalistas da Al Jazeera que foram mortos em um ataque israelense durante a noite em sua tenda na Cidade de Gaza, do hospital Al-Shifa para seu enterro no cemitério Sheikh Radwan na Cidade de Gaza.

Os moradores de Gaza se reuniram ontem segunda-feira para o funeral de cinco funcionários da Al Jazeera e um sexto repórter mortos em um ataque israelense, com Israel chamando um deles de "terrorista" afiliado ao Hamas. Dezenas de pessoas estavam em meio a prédios bombardeados no pátio do hospital Al-Shifa para prestar homenagem a Anas Al-Sharif, um proeminente correspondente da Al Jazeera de 28 anos, e quatro de seus colegas, mortos no passado domingo. Um sexto jornalista, Mohammed Al-Khaldi, que trabalhava como repórter freelance, também foi morto no ataque que teve como alvo a equipe da Al Jazeera, de acordo com o director do Hospital Al-Shifa, Dr. Mohammed Abu Salmiya. Seus corpos, envoltos em mortalhas brancas com os rostos expostos, foram carregados por becos estreitos até seus túmulos por enlutados, incluindo homens vestindo coletes azuis de jornalistas.

Israel confirmou que tinha como alvo Sharif, a quem rotulou de "terrorista" afiliado ao Hamas, dizendo que ele "se passou por jornalista". A Al Jazeera disse que seus funcionários foram atingidos em uma tenda montada para jornalistas do lado de fora do portão principal de um hospital na Cidade de Gaza. Os outros quatro funcionários mortos foram Mohammed Qreiqeh, também correspondente, e os cinegrafistas Ibrahim Zaher, Mohammed Noufal e Moamen Aliwa.

"Anas Al-Sharif serviu como chefe de uma célula terrorista na organização terrorista Hamas e foi responsável por promover ataques com foguetes contra civis israelenses e tropas da IDF (israelenses)", disseram os militares em um comunicado.

"As FDI já haviam divulgado informações de inteligência e muitos documentos encontrados na Faixa de Gaza, confirmando sua afiliação militar ao Hamas", disse. Ele publicou um gráfico mostrando o que disse ser uma lista de agentes do Hamas no norte de Gaza, incluindo o nome de Sharif, bem como uma imagem dele estampada com a palavra: "Eliminado".

Sharif era um dos rostos mais conhecidos do canal trabalhando em Gaza, fornecendo relatórios diários sobre a guerra de 22 meses. Uma mensagem póstuma, escrita em abril em caso de sua morte, foi publicada em sua conta na manhã de ontem segunda-feira dizendo que ele havia sido silenciado e pedindo às pessoas que "não se esqueçam de

Gaza". De acordo com jornalistas locais que o conheciam, Sharif havia trabalhado no início de sua carreira com um escritório de comunicação do Hamas, onde seu papel era divulgar eventos organizados pelo grupo militante que exerce controle total sobre Gaza desde 2006.

Após postagens online do porta-voz militar de língua árabe de Israel, Avichai Adraee, sobre Sharif, o Comitê para a Proteção dos Jornalistas pediu em julho sua proteção, acusando Israel de um "padrão" de rotular jornalistas como militantes "sem fornecer evidências confiáveis". Ele disse que os militares israelenses fizeram acusações semelhantes contra outros jornalistas em Gaza no início da guerra, incluindo outros funcionários da Al Jazeera.

A Al Jazeera chamou o ataque que matou Sharif de "uma tentativa desesperada de silenciar as vozes que expõem a ocupação israelense", ao descrever Sharif como "um dos jornalistas mais corajosos de Gaza". Também disse que seguiu "repetidos incitamentos e apelos de várias autoridades e porta-vozes israelenses para atingir o destemido jornalista Anas Al Sharif e seus colegas".

A Repórteres Sem Fronteiras diz que quase 200 jornalistas foram mortos na guerra até agora. Repórteres internacionais são impedidos de viajar para Gaza por Israel, excepto em viagens ocasionais rigidamente controladas com os militares. O ataque aos jornalistas ocorreu com críticas crescentes sobre a decisão do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu de expandir a guerra na Faixa de Gaza.

O gabinete de segurança votou na semana passada para conquistar o quarto restante do território ainda não controlado por tropas israelenses, incluindo grande parte da Cidade de Gaza e Al-Mawasi, a área designada como zona segura por Israel, onde um grande número de palestinos buscou refúgio. O plano, que a imprensa israelense relatou ter provocado um amargo desacordo entre o governo e a liderança militar, atraiu a condenação de manifestantes em Israel e em vários países, incluindo aliados israelenses. Notavelmente, os planos fizeram com que a Alemanha, um importante fornecedor de armas e aliado leal, suspendesse os embarques para Israel de quaisquer armas que pudessem ser usadas em Gaza. **Fonte-Reuters.**

Muro das Lamentações em Jerusalém vandalizado com mensagem anti-guerra

O Muro das Lamentações em Jerusalém foi vandalizado ontem segunda-feira com pichações condenando a guerra em curso de Israel em Gaza, provocando condenação generalizada de líderes religiosos e políticos. "Há um holocausto em Gaza", foi grafitado em hebraico na parte sul do muro, o local mais sagrado onde os judeus podem orar. Uma mensagem semelhante também foi rabiscada na parede da Grande Sinagoga, em outras partes da cidade. A polícia israelense disse que um suspeito de 27 anos foi preso e compareceu ao tribunal ainda ontem segunda-feira, com a polícia solicitando que sua detenção seja estendida. O incidente provocou indignação imediata em Israel, com o rabino Shmuel Rabinovitch, do Muro das Lamentações, chamando-o de "profanação". "Um lugar sagrado não é um lugar para expressar protestos... A polícia deve investigar essa acção, rastrear os criminosos responsáveis pela profanação e levá-los à justiça", disse Rabinovitch em um comunicado.

O ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir - que supervisiona as agências de aplicação da lei do país - disse que ficou chocado e prometeu que a polícia agiria "com a velocidade da luz". O ministro das Finanças de extrema-direita, Bezalel Smotrich, também opinou, dizendo que os perpetradores "esqueceram o que significa ser judeu". A forte condenação também veio da oposição.

O ex-ministro da Defesa Benny Gantz, agora líder da oposição, chamou isso de "um crime contra todo o povo judeu". O Muro das Lamentações fica no coração da Cidade Velha de Jerusalém, que as forças israelenses capturaram durante a guerra árabe-israelense de 1967. **Fonte-Reuters.**

Facções jogam lenha na fogueira dos mapas regionais



GHASSAN CHARBEL

11 de agosto de 2025



Combatentes do grupo militante libanês Hezbollah treinam no sul do Líbano.

Pode um país, não importa quão grande, conter dois exércitos, duas autoridades e dois "estados"? A coexistência obrigatória é apenas uma forma de trégua até que um exército consiga derrotar o outro? Um confronto entre os dois exércitos, duas autoridades e dois estados é inevitável porque as facções estão impedindo os países de caminharem para um momento de estabilidade e investimento? Os países se cansaram de facções e decidiram retornar a uma época de estados normais depois de pagar um preço alto durante o tempo das milícias? O tempo das facções não conseguiu deter a selvageria do exército de Benjamin Netanyahu.

Tudo começou durante uma reunião em um apartamento em Beirute entre activistas iranianos e libaneses após o sucesso da revolução do Aiatolá Khomeini. O foco estava em como fortalecer o regime da revolução contra perigos potenciais. Os colectores acreditavam que a derrubada do governo de Mohammed Mossadegh em 1953 era um forte exemplo de por que os exércitos regulares não eram confiáveis. Eles acreditavam que esses exércitos tendiam a atacar sempre que sentiam uma revolução iminente ou um cheiro de mudança. Eles também acreditavam que os exércitos eram uma possível fonte de perigo porque poderiam ser infiltrados pelos serviços de inteligência ocidentais.

Os colectores estavam, portanto, de acordo com a necessidade de criar uma força que impedisse um segmento do exército iraniano de se levantar contra a revolução

khomeinista. Anis Al-Naqqash afirmou que foi o primeiro a propor a ideia de formar o Corpo da Guarda Revolucionária Iraniana.

O modelo iraniano seria replicado em outros países da região como parte do projecto "Eixo da Resistência". Após a invasão israelense do Líbano em 1982, e com a aprovação do então presidente sírio Hafez Assad, Khomeini formou o Hezbollah no Líbano como a primeira implementação tangível da política iraniana de "exportar a revolução" consagrada em sua constituição.

O Irão transformaria o sul do Líbano em uma frente iraniano-israelense, quando anteriormente havia servido como uma frente palestino-israelense. Ao entrar em confronto com Israel ao longo dos anos, o Hezbollah ganhou uma espécie de auréola, transformando-se em seu próprio exército e estado. Apesar da composição diversificada do Líbano, o Hezbollah se tornou o único tomador de decisões do país que tinha a palavra final sobre presidentes e governos.

Tirou até do governo um de seus poderes mais importantes: a decisão de guerra e paz. O Hezbollah nunca consultou ninguém quando embarcou em sua missão de salvar o regime de Bashar Assad com o apoio do Irão e da Rússia. Nunca consultou ninguém quando abriu sua "frente de apoio" em solidariedade a Gaza após a Operação de Inundação de Al-Aqsa em 7 de outubro de 2023.

O exército sírio, enquanto isso, superestimou sua própria força antes de perceber que seria incapaz de salvar o regime de Assad. Então, voltou-se para milícias pró-Irão e poder aéreo russo. O Irão também colheria outro sucesso, desta vez no Iraque, onde o general Qassem Soleimani transformaria a fatwa do Grande Aiatolá Ali Al-Sistani de participar na luta contra o Daesh em uma oportunidade de formar um exército paralelo chamado Forças de Mobilização Popular. É claro que não podemos negar o papel das PMF na luta contra o Daesh, mas os recentes desenvolvimentos no Iraque estão demonstrando a dificuldade de ter dois exércitos coexistindo em um mapa.

Podemos acrescentar ao acima o golpe Houthis no Iêmen, que completou o Eixo da Resistência, marcando um sucesso sem precedentes para o Irão. Conseguiu cercar não apenas Israel, mas também alguns outros países da região. Ele estabeleceu um grupo de exércitos para servir como seus representantes e manter o perigo longe de seu próprio território. O Irão possuía cartas decisivas em quatro países que poderia alavancar em qualquer negociação séria com os EUA.

A construção do Eixo da Resistência exigiu bilhões de dólares e a intromissão nos assuntos internos de outros países. Construiu enormes redes de túneis, montou rotas de contrabando de armas e realizou ataques, bombardeios e assassinatos. Com o eixo todo montado, o Irão parecia ser o jogador mais poderoso do Médio Oriente.

No entanto, o eixo acabaria se desintegrando devido a três factores: a superioridade militar de Israel em várias frentes, o assassinato do líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, e a derrubada do regime de Assad na Síria.

O Irão até agora se recusou a reconhecer a nova realidade na região, mesmo depois que a guerra atingiu seus próprios céus e custou a vida de seus generais e cientistas. Está tendo dificuldade em admitir que a Operação de Inundação de Al-Aqsa de Yahya

Sinwar se transformou em uma calamidade para o Eixo da Resistência. O eixo perdeu a Síria - seu elo mais significativo - e o Hezbollah, com sua capacidade de lutar ou deter Israel. O Irão perdeu sua capacidade de atacar Israel a partir do território de seus vizinhos árabes.

Além disso, os governos de Bagdá, Damasco e Beirute estão exigindo que o Estado tenha o monopólio das armas, enquanto exigem roteiros que sejam salvaguardados por constituições e exércitos regulares, não pelas facções. Dadas suas experiências passadas, Bagdá concluiu que não pode falar de estabilidade, prosperidade e investimento se drones operados pelo "sector privado" puderem atacar radares ou campos de petróleo ou se membros das PMF puderem "punir" as próprias forças de segurança do Estado. A confusão do parlamento sobre como lidar com a lei do PMF não decorre apenas da oposição dos EUA a ela.

Enquanto isso, as observações de um conselheiro do líder supremo iraniano, Ali Akbar Velayati, reflectem o quanto Teerão se recusa a reconhecer e trabalhar com as mudanças que ocorreram na região. Ele rejeitou a decisão do governo libanês de desarmar todas as facções, incluindo o Hezbollah, desconsiderando o impulso do Líbano para querer se tornar novamente um estado normal que toma suas próprias decisões por meio de suas instituições. Velayati também disse que as PMF no Iraque estavam desempenhando o mesmo papel que o Hezbollah desempenhou no Líbano.

Em um desenvolvimento notável que reflecte a extensão das mudanças na região, o Ministério das Relações Exteriores libanês condenou as declarações de Velayati como uma interferência flagrante nos assuntos internos libaneses.

Os povos iraquiano, sírio e libanês sonham com o estabelecimento de seus próprios estados normais. As facções não são a única causa de instabilidade na região, mas sua presença está impedindo os países de consolidar suas instituições, combater a corrupção e realizar planos de desenvolvimento. Facções armadas enfraquecem os Estados e desperdiçam a revolução mais importante que qualquer país pode possuir - a da estabilidade sob o estado de direito. A insistência das facções em manter seus arsenais significa que dias difíceis estão por vir. Rejeitar um estado normal significa que as facções jogarão lenha na fogueira dos mapas regionais.

Ghassan Charbel é editor-chefe do jornal Asharq Al-Awsat. X: @GhasanCharbel. Este artigo foi publicado pela primeira vez em Asharq Al-Awsat.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas alcançadas, construindo um futuro melhor